

cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização

Carlos Fortuna

Nº 21

Julho, 2018

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Nota de abertura	3
<i>Carlos Fortuna</i>	
As casas em dois sentidos	4
<i>Madalena Duarte</i>	
Violência dentro das casas	8
<i>Sílvia Portugal</i>	
O cuidado em casa e o cuidado da casa	16
<i>Carolina Anselmo</i>	
Mudar de casa	19
<i>Bruno Franco Alves</i>	
Conexões Público-Privado	24
<i>Violeta Rodríguez</i>	
Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México	28
<i>Rómulo Oliveira</i>	
Janela de classe e o olhar no olho da casa	33
<i>Adelino Gonçalves</i>	
O(s) lado(s) de fora da casa	43
<i>José Manuel Mendes</i>	
Os “sem-casa”... e depois?	46
<i>Graça Índias Cordeiro</i>	
A rua e a casa, que relação?	49
<i>Paulo Peixoto</i>	
A casa despida	53

Mudar de casa

Carolina Anselmo, Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
ccanselmo@gmail.com

O que nos leva a mudar de casa? Algumas respostas rápidas, com pouca reflexão logo podem emergir: uma pessoa pode querer morar sozinha, morar com alguém, morar próxima ao local de trabalho, morar com menores custos, morar com mais espaço, mudar de cidade ou mesmo de país. Podemos também pensar que as mudanças nem sempre estão relacionadas a um deslocamento para outros espaços, e sim, a transformações de um espaço. Ou seja, o mudar de casa pode significar mudar a casa: demolir uma parede, trocar um móvel, colocar quadro na parede ou um enfeite em algum canto. Tanto o mudar de casa quanto o mudar a casa pode ser relacionado a transformações para maior acolhimento, descanso ou identificação com o espaço.

Mas por que voltar nossa atenção para um ato tão banal, ou melhor, tão pessoal como esse de mudar de casa? Poderíamos responder essa pergunta trazendo alguns argumentos colocados no texto Padrões de mudanças de casa e eventos de vida – uma análise das carreiras habitacionais, escrito por Magda Nico. A socióloga, ao analisar a sociedade portuguesa, entende que perceber o momento de vida em que as pessoas mudam de casa, a duração e condição de permanência em uma residência ou os eventos que impulsionam as trocas de casa podem contribuir para o estudo de mudanças sociais (Nico, 2014). Fatores como por exemplo a família, o trabalho, a saúde ou envelhecimento podem ser estudados de forma relacionada ao ato de mudar de casa. Mudamos, portanto, por razões privadas e familiares, ou públicas e profissionais.

Fora do contexto europeu, outras análises poderiam ser feitas em situações urbanas diferentes, como por exemplo, as mudanças que acontecerem no Aglomerado da Serra, uma das maiores favelas da cidade de Belo Horizonte, com aproximadamente 50.000 habitantes.¹

O motivo das mudanças de casas que acontecerem ali, no período entre 2006 e 2010,² fugiram ao poder de decisão de cada morador que não tiveram a opção de ir ou ficar. Tal favela passou por obras de reestruturação urbana, parte de um programa chamado Vila Viva,³ que demandou a demolição de muitas casas, seja para abertura de ruas, por precariedade da construção, risco de instabilidade geológica ou mesmo por higienização de algumas áreas e maior controle policial. Explicita-se aqui outro ponto: mudar de casa pode ser uma ação voluntária ou involuntária e essa também é uma categoria a ser analisada quando focamos tal assunto.

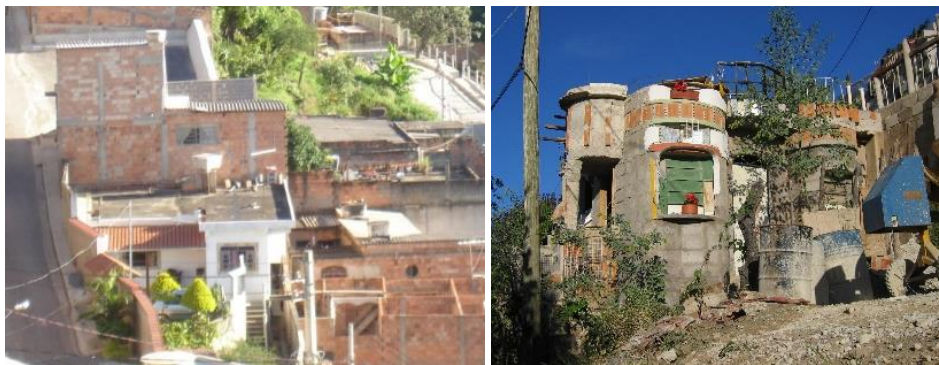
¹ Dados recolhidos em 2010, ano em que a pesquisa no território estava sendo desenvolvida. Ver Anselmo (2011).

² As mudanças de casa estavam relacionadas com um projeto de urbanização que aconteceu em um período mais alargado do que esse. Entre os anos citados (de 2006 e 2010) houve foi uma aproximação minha com parte das pessoas que mudaram de casa.

³ O projeto Vila Viva engloba obras de saneamento, remoção de famílias, construção de unidades habitacionais, erradicação de áreas de risco, reestruturação do sistema viário, urbanização de becos, implantação de parques e equipamentos para prática de esporte. O projeto é um seguimento do Plano Global específico que foi um estudo aprofundado da realidade de vilas e favelas de Belo Horizonte realizado em três etapas: levantamento de dados, elaboração de diagnóstico integrado dos principais problemas da área de estudo e definições de prioridades locais. Ambos os projetos são de iniciativa do governo municipal de Belo Horizonte.

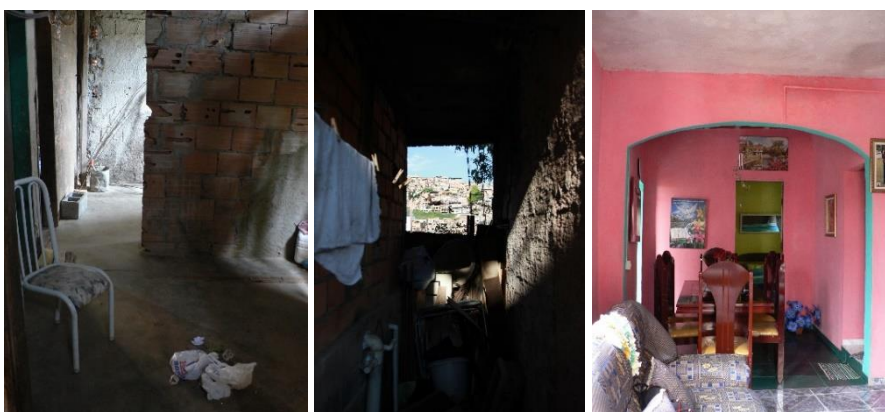
Voltemos então as casas, foco da discussão desse texto. Quando vistas de fora e de longe se mostram muito semelhantes: as formas, as texturas, as cores, os tamanhos das janelas, as coberturas, os afastamentos entre elas. Mas se nos aproximarmos um pouco, veremos que há diferenças. E não são poucas. Existem casas mais precárias, sem acabamentos, sem vedações, sem acessos estruturados. Existem também casas rebocadas, pintadas, com jardim cuidado, garagem (Imagem 1). Existem variações também nos estilos e formas das construções que podem ser mais arredondadas, com mais cores e detalhes (Imagem 2) enquanto outras são mais retangulares e sem qualquer inventividade.

Se vistas por dentro, as casas talvez possam apresentar diferenças ainda mais acentuadas. Os tamanhos, as divisões internas, o padrão de acabamento, o padrão de higiene, os móveis e os objetos de cada família. Existem casas com chão em terra batida, outras com cimento, outras com acabamentos. Em algumas delas as pessoas dormem no chão. Em outras já encontramos muitos móveis. As casas de banho por vezes são internas, outras externas. Existem casas com quartos separados para pessoas diferentes da família. Em outras, todos dormem juntos em um mesmo espaço. Há casas que estão se consolidando e outras que já estão erguidas há muito tempo. Há casas com mais ou menos objetos e enfeites. Há casas sem pintura, outras pintadas de uma só, outras mais coloridas (Imagens 3, 4 e 5).



Imagens 1 e 2 - Casas vistas de fora. Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, 2010

Fonte: Arquivo pessoal.



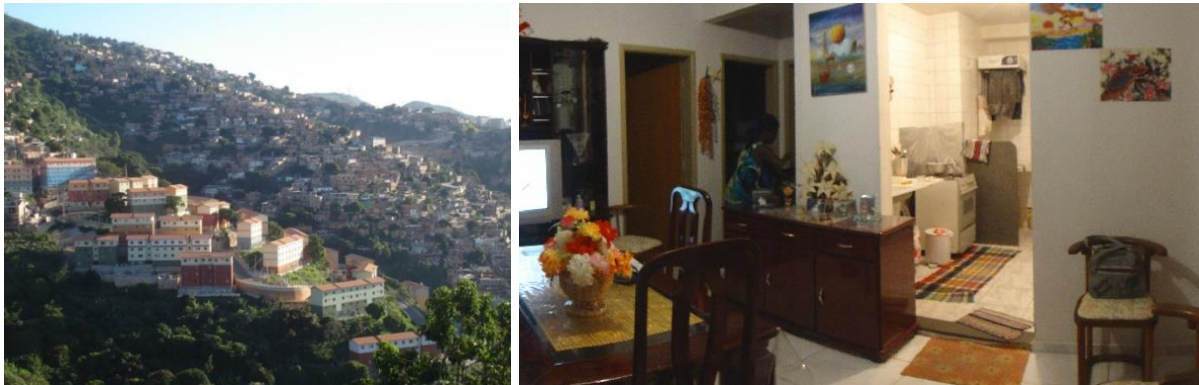
Imagens 3, 4 e 5 - Casas vistas de dentro. Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, 2010

Fonte: Arquivo pessoal.

Em muitos dos casos pode se notar que a casa se estende para fora das suas paredes externas, seja para um quintal onde se lava e seca roupa, seja para criar animais, seja para cultivar ou preparar alimento, para divertir reunindo as pessoas, tocando música ou com brincadeiras infantis. A casa se estende para fora porque as portas estão sempre abertas, porque os vizinhos se encontram, convivem, se ajudam. Ou ainda porque a casa também é lugar de trabalho. O dono do bar, da mercearia, do cabelereiro, do vendedor de gás, de material de construção, do marceneiro, do serralheiro, da cozinheira, de qualquer pequeno comércio e serviço que são meios de sobrevivência de muitos ali. A casa é lugar de morar e de trabalhar.

Nota-se, portanto, que são muitas as diferenças entre as casas, o que revela os diversos padrões de vida e os modos de morar na favela, na cidade. No texto intitulado Quem mora nas favelas de Silke Kapp e Margarete Silva (2012) criticam a ideia que muitos de nós temos de homogeneizar as pessoas, as casas e a vida na favela, além de associarmos sempre a uma ideia de extrema pobreza que nem sempre é verdade.

Retornemos às mudanças. Quando em 2006 vieram as obras de urbanização algumas dessas pessoas se mudaram involuntariamente. As casas ou barracos de muitos foram demolidos e em troca as famílias ganharam um apartamento em prédios situados relativamente próximos de onde estavam as antigas casas. As novas casas passam a ser um apartamento de dois ou três quartos, com aproximadamente 45 m², em um prédio de quatro andares com dois ou quatro apartamentos por andar (Imagem 6 e 7).



Imagens 6 e 7 - Novas habitações construídas pelo programa Vila Viva. Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, 2010
Fonte: Arquivo pessoal.

Para olhos acostumados com padrões e maneiras de morar de uma cidade formal, as novas condições de moradia parecem mais confortáveis do que as havia nos barracos. Mas ao entrevistar alguns moradores nos deparamos com depoimentos como esses a seguir:

Se você perguntasse assim: entre o apartamento e continuar com o seu barracão... Se você perguntar todo mundo aqui, entre a sua casa e o seu barracão, o que você queria? Continuar lá e eles legalizarem lá e você continuar lá? Eu com certeza ia preferir lá. (trecho do depoimento moradora entrevistada 1)

Eu não quero ficar mais não. Completou dois anos eu estou saindo. O que você quer é liberdade para os filhos, se você não tem... Para que você precisa ter quarto dividido, para quê? Acho que isso daí... A

melhor coisa é a felicidade, da gente e dos filhos. Vivíamos todos no mesmo espaço, mas você quer saber? A felicidade estava toda lá. (trecho do depoimento moradora 2)⁴

Nem todos os moradores tiveram a mesma opinião. Alguns entendem que mudar da casa, ou do barraco, para o apartamento representava uma ascensão social. Mas, o fato é que depois de ouvir 30 moradores, a maioria preferia os barracos aos apartamentos. E qual o porquê de tal escolha? Resumidamente, pode-se dizer que o motivo está relacionado com os diferentes perfis de pessoas e famílias que ocupam os prédios. Os hábitos são muito distintos e há extrema dificuldade de lidar com o coletivo, embora haja um grande sentimento de comunidade. Por exemplo, em um predinho estava uma senhora que tinha desvios de comportamento e levava lixo para sua casa, no mesmo andar morava uma família com oito pessoas de diferentes idades, no andar de cima um senhor que trabalhava com transporte com carroças e não tinha lugar em casa para o seu cavalo.

As limitações construtivas do apartamento que impedem a transformação da casa são das principais e mais recorrentes queixas que são feitas.

Lá eu podia fazer um puxadinho, crescer um terraço, aqui eu não posso nada. Entendeu? Não posso nada. Não posso pensar em aumentar nada. Então eu acho que assim... Eu vou morar em três quartos, sala e cozinha para o resto da minha vida. Não posso fazer nada. O máximo que posso mudar é de cor. Não é? (trecho do depoimento moradora entrevistada 1)

Na sua casa qualquer problema que dá você vai lá arruma, você cuida. Porque você quer mais é sua casa arrumadinha. Isso aqui não é da gente. Você não pode fazer nada! (trecho do depoimento moradora entrevistada 2)

Ficou explícito que as pessoas ali preferiam mudar a casa ao invés de mudar de casa. Não querem se manter em condições insalubres ou desprotegidas, mas sim, poder melhorar a sua casa, para manter seus hábitos que não cabem na rigidez formal que o apartamento oferece. Querem e precisam aumentar ou diminuir seus espaços conforme a família cresce, conforme surge a necessidade de alugar um cômodo para completar a renda, para manter sua atividade de trabalho, para cultivo dos alimentos e animais, para fazerem as festas nos quintais.

Há um incômodo enorme em não poder transformar a casa. Mas, sendo os predinhos a realidade atual dos moradores, como lidam com suas novas habitações? Uma vez que a casa é essa, surge uma relação possível com o que De Certeau chama de maneiras de utilizar a ordem imposta. Nas palavras do autor: “sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei; ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevisíveis” (Certeau, 2008: 93)

Por mais que muitos dos moradores digam que sua casa começa da porta do apartamento para dentro, há diversas apropriações e usos dos espaços coletivos. As portas dos apartamentos estão quase sempre abertas, muitos objetos pessoais como armários, plantas, cadeiras, brinquedos das crianças, ficam no hall e nas escadas, como se a casa se estendesse para além da porta. Muitas roupas são estendidas para secar fora do prédio, muitos churrascos e festas são feitos nas áreas comuns que não teriam esse uso previsto. As regras de como morar nos predinhos são rígidas e entregues em um manual quando as pessoas se mudam e exigiriam mudança de comportamento de muitos. Mas os comportamentos imprevisíveis, desviantes, clandestinos se manifestam.

⁴ Foram feitos ajustes gramaticais das falas na transcrição.

É notável como as apropriações dos espaços da nova casa funcionam como táticas⁵ (Certeau, 2008) e como resistências às imposições formais e de uso dadas. A ocupação dos edifícios pode ser vista quase como uma repetição da maneira de viver e de morar nos becos.

As novas casas vistas de dentro e de fora são diferentes dos barracos antigos. Mas a casa que se estende e se reconfigura segue, não muda.

Vemos, então, que mudar de casa pode nos revelar diferentes questões, sejam aquelas esboçadas no início desse texto, seja no caso das mudanças compulsórias que acabo de apresentar. São muitas as maneiras de morar. São muitas as formas das casas e seus usos. Como arquiteta e urbanista que projeta e define espaços, me parece importante estar atenta às casas (as diferentes casas) e às maneiras de habitar. Estar atenta aos cotidianos, aos desvios para evitar produzir e reproduzir lógicas impositivas e repressoras de vidas, de casas, de modos de morar. Isso porque, concordando com Lefebvre (1991), as ações triviais cotidianas constituem as bases das experiências sociais e da verdadeira contestação política. Quando essas ações são anuladas por imposições fisicamente formais, o urbanismo praticado nega a possibilidade dessa disciplina ser um discurso humano e social.

Para finalizar, deixo um poema de Matilde Campilho, chamado Two-lane blacktop:

Aprenderei a amar as casas
quando entender que as casas
são feitas de gente
que foi feita por gente
e que contém em si a possibilidade
de fazer gente. (Campilho, 2014)

Referências bibliográficas

Anselmo, Carolina (2011), *Arte como campo expandido do urbanismo: um estudo de caso no Aglomerado da Serra*. Dissertação de mestrado. [vol. 1] Porto: FBAUP.

Campilho, Matilde (2014), *Jóquei*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.

Certeau, Michel de (2008), *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petropolis: Vozes.

Lefebvre, Henri (1991), *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica

Kapp, Silke; Silva, Margarete (2012), “Quem mora das favelas?”, *E-metrópolis revista de estudos urbano e regionais*, 9(3), 28-35. Acesso a 28/05/2018, disponível em http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/008/original/emetropolis_n09.pdf?1447896326.

Nico, Magda (2014), “Padrões de mudança de casa e eventos de vida: uma análise das carreiras habitacionais”, *Sociologia*, XVIII, 103-127. Acesso a 28/05/2018, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12737.pdf>.

⁵ Tática seria uma maneira criativa de utilizar ou desviar daquilo que foi imposto (Certeau, 1998).



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

